

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

Josilene Souza Lima Barbosa
josylenelbarbosa@yahoo.com.br

Isabella Santos Nascimento
isanasto@gmail.com

Lauanda Vieira dos Santos
lauandapreta@gmail.com

Wesley Gonçalves dos Santos
wesleygoncalves1@hotmail.com

Resumo: A modalidade de Educação de Jovens e Adultos necessita de metodologias diferenciadas devido a diversidade encontrada nas salas de aulas com contextos e necessidades bem específicas. O professor precisa compreender que o seu papel é fundamental, não apenas como transmissor do conhecimento, mas principalmente como um agente que poderá e deverá incentivar e motivar os alunos que voltaram a estudar depois de alguns anos fora da escola.

O desafio em sala de aula maior é quando em uma turma tem aluno com algum tipo de deficiência. O estudo aqui apresentado visa compartilhar experiência da Oficina de Libras desenvolvida no município de Tobias Barreto no ano de 2018. A Língua Brasileira de Sinais tem um papel fundamental no processo de inclusão do sujeito surdo, apesar de ser a segunda língua oficial do Brasil muitas pessoas desconhecem essa informação. O estudo se justifica devido a carência de estudos que visem maximizar a comunicação entre surdos e ouvintes. O objetivo maior era fazer com que os alunos ouvintes da EJA passassem a conhecer a cultura surda o aluno surdo incluído na turma pudesse aprender a se comunicar com os colegas.

Palavras-chave: Cultura. Educação. Comunicação

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA)

é um direito público subjetivo conforme estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais (2000). Tal documento estabelece a educação como direito, tendo como referência o acesso à educação escolar pela universalização dos ensinamentos fundamental e médio, considerando o acesso à leitura e à escrita um bem social.

A turmas da EJA quando possui um aluno com surdez é uma realidade mais complexa devido ao surdo ter um a língua e cultura diferente da comunidade ouvinte.

Os surdos possuem a sua cultura surda e vão construindo a sua identidade diante das oportunidades que são oferecidas. Há dentro da cultura surda, diferentes “identidades surdas”, cada uma com suas particularidades e que são pouco conhecidas pelos próprios surdos. Reis (2006), cita que a cultura surda envolve valores da língua de sinais, das identidades e da diferença cultural, da pedagogia dos surdos adquiridos ao compartilhar entre os povos surdos.

BARBOSA (2011), ressalta que não é porque o sujeito nasce surdo que ele pertence à cultura surda, sabe Libras e se reconhece como surdo. Há surdos que negam a cultura surda ou até mesmo nem a conhecem. Cabe ressaltar que a maioria dos surdos nasce em

¹ Texto resultado do projeto de Extensão aprovado no edital PIBEX/ IFS n.13 de 2017. Agradecimentos à PROPEX por ter financiado o projeto

família de ouvintes e conhecem apenas a cultura do seu meio familiar. área, surgiu uma nova motivação. A autora questiona: Como contribuir para a construção de uma nova cultura para pessoas que eram ouvintes e se tornaram surdas? Desta forma pensou-se em realizar oficinas de Libras na turma da EJA, afim de conscientizar as pessoas da importância da LIBRAS para a comunicação do sujeito surdo..

O estudo justifica-se diante da necessidade de contribuir com a comunidade surda, é urgente que a sociedade e as instituições de ensino façam algo para amenizar as dificuldades e problemas enfrentados por essa população. O objetivo do estudo é promover a interação dos sujeitos da pesquisa entre seus pares e entre as pessoas ouvintes, apresentando-lhes um novo universo através da Libras.

A metodologia adotada foi a pesquisa-Ação Colaborativa, com abordagem qualitativa com foco nas análises das contribuições da Libras no processo de inclusão de um jovem surdo nas turmas da EJA.

O texto está dividido entre os conceitos da cultura e identidade surda; metodologia; resultados e discussões e conclusão.

METODOLOGIA

O estudo apresentado é fruto do projeto de extensão “A nova identidade do sujeito surdo através da Libras” aprovado no edital PROPEX PIBEX n.13/2017.

O trabalho apresentado traz dados está fundamentado com os teóricos da área tais como: Quadros (2017), e leis que amparam a educação e os direitos dos surdos. Foram utilizadas ainda as pesquisas realizadas por Barbosa no ano de 2011. Buscou-se dialogar com as fontes e trazer reflexões pertinentes para essa área do campo educacional.

Neste texto, discutiremos sobre as oficinas de Libras realizadas no município de Tobias Barreto para uma turma de Educação de Jovens

e Adultos onde tinha um surdo matriculado. O jovem de trinta e dois anos nunca havia estudado e não sabia Libras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Barbosa (2011), explica que a cultura surda envolve os valores adquiridos da língua de sinais, das identidades, da diferença cultural e da pedagogia dos surdos. Engloba: as associações de surdos e as suas lutas.

REIS (2006), ressalta a importância da pedagogia surda e como essa deve, influenciar a identidade, cultura, língua de sinais, diferença aos alunos surdos para se identificar, do além, de usar o seu jeito de ensinar e também pensar na formação dos professores surdos. Quanto as lutas linguísticas a autora defende que é preciso respeitar a língua de sinais e suas variações regionais.

Nas comunidades surdas existem pessoas com identidades diversas, assim como nas comunidades ouvintes. De acordo com Hall (1997), há três diferentes conceitos de identidade presentes na história: O Iluminista que acreditava na perfeição do ser humano; O sociológico defende que as identidades se moldam nas representações sociais; O da Modernidade Tardia onde se defende que as identidades são fragmentadas. São conceitos complexos, porque a identidade é mutável de acordo com as interações sociais do sujeito. Perlin (2010), defende que a identidade é algo em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições. Nas comunidades surdas, pode-se encontrar pessoas com identidades distintas, como dito acima vão se moldando de acordo com a convivência com e a interação com seus pares.

Dentro da comunidade surda há também ouvintes que são militantes em prol da inclusão do surdo e da Libras na sociedade. Existem os filhos dos surdos que são ouvintes

e que se tornam bilíngues desde a tenra idade, são conhecidos como CODA.

Conforme Hoffmeister apud Quadros (2017) os CODAS são novos imigrantes que precisam aprender sobre uma cultura estranhado lado de fora de sua família. A cultura estranha a qual a autora se refere é a cultura ouvinte, já que no seio familiar a cultura transmitida é a cultura surda. No entanto, essa família não é uma família de imigrantes, pois é parte das famílias que estão nessa sociedade há várias gerações. Os filhos de pais surdos aprenderam a lidar com essas culturas, com as duas línguas e com as atitudes de surdos e ouvintes. Quadros (2017) fala ainda, sobre as dificuldades enfrentadas pelos CODAS através dos olhares marcados com estigma, estereotipados e preconceituosos fazem parte da constituição dos CODAS.

“Eles aprendem a lidar com isso e, a partir disso, relacionam -se com surdos e com os ouvintes que fazem parte de seu mundo, tanto em língua de sinais como na língua falada. Suas interações com surdos e ouvintes são influenciadas por essas experiências e estampadas em seus discursos, aparecendo no dia a dia e em suas histórias”. (QUADROS, 2017, p. 69)

O que a autora elenca é de suma importância devido a uma boa parcela da sociedade não conhecer as dificuldades enfrentadas por essas famílias. Assim como pais ouvintes que tem filhos surdos sofrem preconceitos diversos, os filhos de surdos que nascem ouvintes também enfrentam preconceitos. A diferença é que o adulto provavelmente saberá lidar melhor com essas situações, porém a criança CODA, poderá se isolar ou não saber como proceder nas diversas situações enfrentadas em contextos sociais distintos.

Trabalhando com surdos há quase duas décadas, foi possível lembrar uma história após a leitura desse texto.

Certa vez, um casal de surdos que estudavam na escola na qual trabalha foi

fazer uma visita aos colegas e levaram o filho ouvinte. A mãe é oralizada, faz leitura labial e é fluente em Libras, o pai não é oralizado, não faz leitura labial e é fluente em Libras. O filho na época com seis anos já dominava a Libras fluentemente.

O casal começou a conversar com os professores e colegas e o filho em um dado momento se isolou e começou a chorar. Perguntei o que havia acontecido e ele me respondeu: “A moça da cantina estava dizendo que eu sou um coitado, não tive sorte por ser filho de surdos. Estou cansado dessas pessoas bobas! Tenho orgulho dos meus pais, tia!” (Relato da coordenadora do projeto e autora desse texto)

Nesse caso a criança adquiriu fluência da Libras com os pais e a língua oral com os avós que ajudaram o casal desde o início do nascimento da criança, o fato da mãe ser oralizada também ajudou na estimulação da língua oral. Atualmente, esse casal já tem outra filha de dois anos aproximadamente, também é ouvinte e o irmão ajuda no processo da aquisição da língua portuguesa.

Cabe ressaltar que muitos surdos e suas famílias não conhecem de forma aprofundada sobre os assuntos aqui abordados, por esse motivo os projetos de pesquisa e extensão são de suma importância para ajudá-los a perceberem que é possível conviver em sociedade com mais qualidade e compartilhando as suas experiências e dificuldades na comunidade surda.

As atividades de extensão de uma instituição podem ser subdivididas em cursos, palestras, oficinas e eventos de natureza científica. O projeto apresentado tinha como propósito desenvolver um curso de Libras no Campus Aracaju onde o público alvo seria pessoas que ficaram surdas, mas ficou inviável por não ter conseguido ter acesso às informações onde essas pessoas moravam, trabalhavam ou estudavam. Várias alternativas foram pensadas, até o momento

em que uma professora da rede municipal da cidade de Tobias Barreto tomou conhecimento que a coordenadora deste projeto estava desenvolvendo um outro projeto na cidade. O objetivo do contato foi pedir ajuda para um jovem surdo que chegara a uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com a idade de trinta e dois anos, porém nunca havia estudado ou tinha tido contato com outros surdos. A história comoveu a equipe do projeto e viu-se nesse relato uma possibilidade de ofertar uma oficina de Libras na turma onde o aluno estava matriculado com o objetivo de fazer com que ele aprendesse a se comunicar através da língua materna dos surdos. Até o momento do seu ingresso na escola, esse rapaz só se comunicava através de gestos caseiros desenvolvidos entre ele e a sua genitora. Não foi possível o aprofundamento da sua história de vida devido a resistência da mãe em conversar com a equipe, segundo a escola a mãe procurou ajuda porque começou a perceber que o filho estava muito triste por não ter amigos e que ela reconhecia que o privou de contato social na tentativa de preservá-lo da sociedade preconceituosa. A professora relatou que mesmo tendo transporte oferecido pela prefeitura, a mãe ia levá-lo a escola diariamente e ficava esperando até o momento do término da aula. Parece absurdo, mas é muito comum as famílias agirem dessa forma. Acreditam que podem proteger seus filhos de todas os riscos oferecidos do mundo externo ao seio familiar. Nesse caso, foi orientado a escola a fazer um trabalho primeiramente com a mãe para que a mesma pudesse adquirir confiança no filho e na escola.

A equipe viajou para o município de Tobias Barreto para apresentar a proposta da oficina para a escola e para a turma da EJA. Com a autorização da escola, a oficina durou aproximadamente dois meses uma vez por semana nos horários cedidos pela instituição. A seguir, a imagem demonstra o dia em que a equipe esteve na escola para apresentar

o projeto e a proposta das oficinas.

Um dado importante era que essas oficinas foram ministradas por dois jovens surdos que foram formados através do projeto de pesquisa “O Universo Surdo Através da Libras” financiado também pelos editais da Propex. O Objetivo era colocar o jovem surdo em contato direto e semanal com os jovens surdos fluentes em Libras para estimulá-lo e para que os alunos ouvintes pudesse ter outras referências sobre os surdos.

A experiência superou todas as expectativas da turma e, muito provavelmente, foi bem mais significativa do que o planejado inicialmente para o projeto.

Pôde-se trabalhar com duas realidades de inclusão: a da pessoa surda e de jovens e adultos que por motivos diversos deixaram de estudar por muitos anos e estavam ali com um objetivo comum que era ter acesso ao conhecimento e completar a sua formação do nível fundamental.

A turma não era muito fácil, a maioria desmotivada e muitos já haviam feito várias tentativas de retornar aos estudos, mas acabavam desistindo no meio do ano letivo ou logo após as primeiras provas. Segundo os alunos, é muito difícil voltar a estudar depois de muitos anos, com filhos e precisando trabalhar para manter a casa. No primeiro momento, foi feito um trabalho de conscientização e partilha de experiências. A coordenadora do projeto socializou a sua própria experiência. Relatou que mesmo tendo concluído a educação básica na idade certa, precisou dá uma pausa para ingressar na faculdade e realizar um sonho antigo e aparentemente distante. Foi uma trajetória bem difícil por morar no interior estudar na capital, na época já com filhos e tendo que trabalhar para pagar os estudos. Alguns perguntavam onde arrumou coragem? A resposta dada: “no sonho de ter uma vida melhor e proporcionar aos filhos uma educação com qualidade e um futuro mais tranquilo”. A conversa rendeu bons frutos devido ao fato de

alguns deles revelarem que estavam dispostos a desistir mais uma vez.

Os dois surdos que ministram as oficinas deram continuidade a esse processo de estimular os alunos a não desistirem. Um dos surdos já tem o ensino médio completo e o outro ingressou no curso técnico do IFS Campus Tobias Barreto no início de 2019. Os dois relataram que foi uma experiência proveitosa, porém, a turma tinha algumas dificuldades para aprender o que era ensinado e que alguns faltavam com frequência.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste projeto foi desafiador e nos fez refletir o quanto a sociedade está imbuída de preconceito e falta de sensibilidade ao problema do próximo. Alguns órgãos alegavam a questão da ética, mas o que se pôde perceber foi a falta de vontade em contribuir com o estudo. Segundo dados do IBGE (2010) são quase 10 milhões de pessoas com deficiência auditiva ou surdez no Brasil, o que representa 5,1% da população brasileira o que é preciso refletir sobre a necessidade de intervir de alguma forma em prol dessas pessoas. Certamente, existem vários surdos com o perfil traçado, mas sem a ajuda dos órgãos competentes ficou inviável a realização do curso de Libras.

Diante das dificuldades, surgiram novas alternativas: A realização do I Encontro de Libras e as oficinas de Libras em uma turma da EJA, e foi uma grata surpresa. Trabalhou-se com duas modalidades de ensino tão carentes de pesquisa voltadas para a resolução de problemas para esse público tão desacreditado pela sociedade. Um empreendedor nato nunca desiste dos seus sonhos mesmo diante das dificuldades, ele busca rotas alternativas para atingir seu foco. Na maioria das vezes as rotas alternativas geram melhores resultados. Um

empreendedor educacional deve seguir esses ensinamentos, o projeto aqui apresentado atingiu o objetivo mesmo sendo necessário várias rotas alternativas ao longo desses dez meses de execução.

Contudo, surgiu uma nova inquietação para estudos futuros: Como trabalhar a inclusão dentro da EJA com uma formação docente deficitária. O estudo apresentado servirá como base para pesquisas futuras tanto no campo da surdez quanto na modalidade da EJA. Espera-se que as pessoas evoluam e passem a contribuir com o crescimento do próximo e principalmente com a mudança de mentalidade diante de assuntos relevantes aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Josilene Souza Lima. **A tecnologia assistiva digital na alfabetização de crianças surdas.** (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2011.
- BRASIL. Ministério de Educação. **Lei da Língua Brasileira de Sinais n.10.436.** Brasília, 2002.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In. **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 2010.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de herança: língua brasileira de sinais.** Porto Alegre: Penso, 2017.
- REIS, Flaviane. **Professor Surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

STROBEL, Karin Lilian. História dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In QUADROS, Ronice Muller de; Perlin Gladis. **Estudos Surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007.**

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Tomo Cinco: fundamentos de defectología**; trad. Carmen Ponce Fernández. – Madri, Espanha: Pueblo y Educación, 1989.